

POR QUE PESQUISAR-ENSINAR HISTÓRIA SOB A PERSPECTIVA DAS RELAÇÕES DE GÊNERO?*

Andréa Ferreira Delgado**

RESUMO:

Este artigo tem por objetivo discutir o ensino de história a partir da inserção da categoria “gênero”, apresentando alguns pressupostos teóricos e relatando uma experiência didático-pedagógica.

UNITERMOS:

ensino de história, gênero, poder, cotidiano.

Introdução

Não pretendo apresentar a resposta para a questão acima colocada, mas tão somente compartilhar a preocupação de olhar a história a partir das relações de gênero e a reflexo sobre seus desdobramentos no ensino de primeiro e segundo graus.

Embora a produção historiográfica brasileira contemporânea esteja marcada pela visibilidade, emergência e valorização do tema “mulher” e \ ou “relações de gênero, ainda não há repercussão significativa desta problemática no ensino de história a nível de primeiro e segundo graus.

* Originalmente publicado em *História & Ensino*, v. 3, p. 37-45, 1997.

** Professora do Centro de Ensino e Pesquisa Aplicada à Educação (CEPAE) Universidade Federal de Goiás – UFGO.

Da história, muitas vezes a mulher é excluída. [...] Os campos que abordam são os da ação e do poder do masculino, mesmo quando anexam novos territórios. Econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social, ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou “mental”, ela fala dos homens em geral, tão assexuado quanto a humanidade. (PERROT, 1988, p. 185)

Entretanto, percebe-se uma preocupação de autores(as) de livros didáticos em inserir textos sobre a condição feminina e o mercado editorial abre espaço para livros paradidáticos sobre a mulher. Isto estará repercutindo a nível do planejamento curricular?

Não sei a resposta para esta questão. Vou encaminhar a discussão partindo da idéia que é a concepção teórica configurada na proposta didática-pedagógica do(a) professor(a) que vai determinar a percepção e o alcance desta problemática.

Destaco três situações: a) o tema mulher é encarado como mais um assunto entre muitos; b) o tema mulher é destacado na programação mas aparece desarticulado dos demais conteúdos; c) o conteúdo é visto sob a perspectiva das relações de gênero.

Nas duas primeiras situações, ao apresentar as mulheres como grupo social importante no estudo do tema “sociedade”, a visibilidade das mulheres está garantida. Mas as mulheres continuam confinadas na esfera do privado ou atomizadas no espaço público, não há uma articulação entre a condição feminina e as transformações \ permanências históricas.

O pressuposto de uma condição feminina, idealidade abstrata e universal, necessariamente a-histórica, empurra as mulheres de qualquer passado para espaços míticos sacralizados, onde exerciam misteres apropriados, à margem dos fatos e ausentes da história. (DIAS, 1984, p. 7)

Historicizar as mulheres significa estudar-pesquisar-ensinar mais que a história das mulheres, é necessário construir a história das relações entre os gêneros.

Fazer esta afirmação não contribui para aprofundar a discussão. Peço, portanto, licença para tentar delinear minha concepção da categoria gênero e apontar como ela pode modificar o itinerário de compreensão do processo histórico e do ensino de história.

a) Gênero e poder

Numa primeira aproximação do conceito de gênero quero destacar que o gênero é considerado uma construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos.

A utilização do gênero já parte do pressuposto que não há nada fixo e constante nas relações entre os sexos. Ao contrário, o conteúdo do que é “ser homem”, “ser mulher” é resultado da conflitos e confrontos que atingem todos os domínios da vida em sociedade.

Estes processos de construção \ reprodução do gênero se inscrevem na dinâmica de funcionamento das instituições sociais e dizem respeito à própria organização e manutenção da ordem social. Isto significa que para construirmos a história do engenho, da fábrica, do hospital, da escola etc., devemos utilizar a categoria gênero com o mesmo status atribuído a categoria classe.

Podemos ir mais longe a afirmar que concepções de classe são questionadas quando percebemos que as relações sociais são vividas e pensadas de maneira diferente pelos homens e mulheres e determinam práticas diferenciadas entre os gêneros, impossíveis de serem percebidas num conceito de classe construído através de uma generalização das práticas masculinas.

Segundo aspecto fundamental: o conceito gênero aponta para o caráter relacional entre a história das mulheres e a história dos homens. Indica, pois, que é necessário estudar as relações recíprocas entre a evolução da condição de cada um dos sexos.

É tarefa dos historiadores(as) procurar apreender os processos que construíram as diferenças entre os sexos; as modificações que sofreram ao longo da história; como elas se produzem \ reproduzem e funcionam; suas imbricações com a economia, a política, a educação...

Nestas investigações é necessário considerar a intersecção “Gênero e Poder”, poder compreendido aqui através da concepção foucaultiana.

Se “[...] o gênero é uma primeira maneira de dar significado às relações de poder. Seria melhor dizer: o gênero é o primeiro campo no seio do qual, ou por meio do qual, o poder é articulado” (SCOTT, 1990, p. 16), é possível afirmar que as construções sociais do gênero ocorrem numa rede de poder que perpassa e constitui a sociedade.

Em outras palavras, as práticas reais e efetivas que produzem as relações de gênero são, ao mesmo tempo, relações de poder baseadas nas diferenças entre os sexos.

Joan Scott nos auxilia a compreender esta relação gênero e poder quando afirma que Estabelecidos como um conjunto objetivo de referências, os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda vida social, na medida em que estas referências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial às fontes materiais e simbólicas), o gênero torna-se envolvido na concepção e na construção do poder em si mesmo (SCOTT, 1990, p. 16) Poder tal como é explicitado acima é compreendido através da concepção foucaultiana. Para a inclusão do gênero como um dos aspectos constitutivos do poder, bem como um de seus resultados, dois elementos desse conceito são fundamentais: a positividade do poder e sua dimensão relacional.

[...] o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis; estas relações de poder não se encontram em posições de exterioridade com respeito a outros tipos de relações (processos econômicos, relações de conhecimento, relações sexuais) mas lhes são imanentes: são efeitos imediatos de partilha, desigualdades e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações; as relações de poder não estão em posição de superestrutura, com um simples papel de proibição ou de recondução; possuem, lá onde atuam, um papel diretamente produtor. (FOUCAULT, 1985, p. 90)

A positividade do poder disciplinar se configura, em última instância, na produção do próprio indivíduo através das relações de poder e saber dispersas na sociedade. O exercício do poder disciplinar trabalha detalhada e ininterruptamente o corpo e esquadrinha ao máximo o tempo, o espaço, os movimentos, a fim de governar homens e mulheres.

Para Foucault, o poder pode ser percebido como uma questão de governo, visto que tem por finalidade estratégica a direção de conduta de indivíduos e grupos: “governar, em este sentido, es estruturar el posible campo de accion de los outros” (FOUCAULT, 1988, p. 15).

Esta produção ou governo dos indivíduos está intimamente relacionada à identificação de homens e mulheres com o conjunto de normas, valores, funções sociais estabelecidas historicamente para o seu gênero. Só que isso não ocorre automaticamente a partir do sexo biológico. Cada um de nós aprende a ser homem ou a ser mulher a partir de práticas ou relações que vivemos em todas as instituições sociais. Isto significa dizer que o gênero enquanto força de organização da sociedade só existe e funciona através de relações.

b) Gênero e cotidiano

Para observar as relações de gênero a partir das relações de poder e as relações de poder a partir das relações de gênero, o cotidiano é o palco privilegiado das experiências femininas e masculinas.

Ao historicizar o conceito gênero, Maria Izilda Matos aponta a relação com as novas tendências historiográficas, destacando que

[...] a influência mais marcante parece ter sido a descoberta do político no âmbito do cotidiano, o que levou a um questionamento sobre as transformações da sociedade, o funcionamento da família, o papel da disciplina e das mulheres, o significado dos fatos, lutas e gestos quotidianos. (MATOS, 1996, p. 46)

Ao trabalharmos com a categoria “cotidiano”, assumimos os riscos da postura epistemológica apresentada por Maria Odila Dias (1992), compreendo o cotidiano como multiforme, fragmentado e plural. É tarefa do historiador(a) interrogar as fontes escritas, iconográficas e orais esmiuçando o explícito e o implícito à procura dos dados dispersos, fragmentados e plurais que informam sobre a trama do dia-a-dia.

Esta trama do cotidiano é formada por experiências individuais e coletivas. Estas experiências vão se estruturar de forma diferente entre os grupos sociais e também se construir distintamente entre o gênero masculino e o gênero feminino.

Compartilhar as experiências constrói tanto as identidades dos grupos quanto as identidades de gênero, visto que as múltiplas faces constitutivas das práticas presentes no cotidiano são atravessadas pelos conteúdos historicamente construídos em torno do papel social a ser desempenhado por homens e mulheres em espaços e períodos históricos determinados.

Com tais pressupostos fundamentais do conceito de gênero delineados até aqui, espero ter contribuído para indicar caminhos para responder a pergunta que suscitou este texto. Entretanto, apenas a convicção do professor(a) da importância da construção de um olhar para a história a partir das relações entre os gêneros vai levá-lo(a) a procurar os itinerários para introduzir esta problemática no cotidiano da sala de aula do Ensino Fundamental e Médio.

c) Trabalhando as relações de gênero na sala de aula

Quero deixar minha contribuição apresentando uma experiência que realizei no primeiro ano do Ensino Médio na tentativa de pesquisar \ ensinar o conteúdo a partir das relações de gênero, considerando os pressupostos teóricos acima explicitados.

O conteúdo de Brasil Colonial foi planejado para ser desenvolvido através dos eixos temáticos: Ser índio \ índia no Brasil; Ser escravo \ escrava no Brasil; Ser senhor \ senhora no Brasil e Ser pobre no Brasil.

Através desta proposta de conteúdos tentei operacionalizar a compreensão que as relações entre os gêneros tem particularidades em diferentes grupos sociais, na intersecção com os conceitos de classe e etnia; que a economia, organização política e a dimensão cultural são perpassadas por estas diferenças entre os gêneros e que o cotidiano é o palco privilegiados das tramas históricas que elegemos estudar.

Após a seleção e organização do programa (a ser desenvolvido durante o segundo semestre), comecei a pesquisar sobre as relações de gênero no período colonial. Meu olhar voltou-se para a mulher, sem esquecer a dimensão relacional do conceito gênero: quais eram os papéis e funções

sociais atribuídas ao gênero feminino na sociedade colonial? Como se estruturavam e se legitimavam na sociedade? Quais as estratégias de disciplinarização das mulheres ao seu destino de gênero?

Foi um período de descobertas: novas leituras e outras tantas revisitadas iam delineando as relações entre o gênero feminino e masculino a partir de diferentes perspectivas.

Não encontrei material para discutir especificamente a mulher indígena, optei por selecionar alguns textos do livro “O Brasil nos primeiros séculos”, de Laima Mesgravis (1994), complementando com as informações presentes nas narrativas de Hans Staden, citadas por June Hanher (1978).

Para estudarmos a família patriarcal selecionei três textos do livro “Brasil Vivo”, de Chico Alencar et. al. (1990): “Quem manda na região, manda na religião”, “Meu São João, casai-me cedo” e “Criança sofre”. O objetivo era esboçar os papéis sociais, comportamentos e atitudes atribuídos ao gênero feminino e gênero masculino; valorizar o aspecto da construção da identidade de gênero através da reflexão sobre a educação de meninos e meninas.

Utilizei uma das ilustrações (ALENCAR, 1990, p. 33) para analisar as múltiplas relações de gênero e poder que envolviam homens, mulheres, escravas, meninos e meninas. São seis quadrinhos: o senhor grita com a senhora, a senhora grita com a escrava, a escrava grita com o menino, o menino grita com a menina e a menina chuta o gato (nenhum dos personagens reage quando é agredido).

É a configuração da idéia foucaultiana que as relações de poder \ relações de gênero funcionam através de uma rede, na qual cada homem e cada mulher ao mesmo tempo em que age de acordo com as perspectivas sociais de cada um dos sexos (sofre a ação das construções sociais do gênero) é também um elo

transmissor – produtor e reproduzidor – de novas desigualdades entre homens e mulheres (exerce o poder inerente às relações de gênero).

A situação dos escravos e das escravas foi pesquisada pelos alunos a partir de um roteiro que apontava momentos do cotidiano: trabalho, alimentação, moradia, vestuário, lazer, castigos e formas de resistência dos escravos(as). Optei por pedir que eles registrassem separado a experiência cotidiana das escravas, baseado principalmente no livro “Submissão e Resistência. A Mulher na luta contra a escravidão”, de Maria Mott (1988).

Para finalizar, realizamos trabalhos em grupo com o livro “A mulher na História do Brasil”, de Mary Priore (1994). Para eu auxiliar nas discussões e aprofundamento dos temas foi importante a leitura de outra obra da autora: “Ao sul do corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia” (PRIORE, 1993).

Mas o que ocorreu nas salas de aula durante a efetivação destes estudos?

Para responder esta pergunta enfrente dificuldades para registrar as impressões, o dito e o não-dito pelos alunos e alunas, aquilo que foi expresso em preconceitos e estereótipos algumas vezes verbalizado e outras apenas explícitos em sorrisos e caras marotas – reconheço agora que deveria ter escrito um diário de campo.

Ao iniciar o estudo das relações de gênero, os alunas e as alunas olhavam o passado com um olhar marcado pelos mitos, estereótipos e normas que cristalizam o feminino e o masculino em formas a-históricas de apreensão do ser homem e ser mulher. As índias, sinhás e escravas lavavam, passavam, cozinhavam e cuidavam dos filhos e os índios, senhores e escravos traziam o sustento para o lar.

Não foi tarefa fácil trabalhar a partir de tais compressões, considerando que o objetivo não era transmitir um

conhecimento mas principalmente apontar caminhos para a problematização, análise e reflexo pessoal dos alunos e alunas.

Neste sentido, um dos momentos mais interessantes foi o estudo das poesias de Cora Coralina. A memória está na tessitura da escrita da poeta, que rememora sua infância na Cidade de Goiás (antiga Vila Boa, capital da Província de Goiás e do Estado até 1936) na passagem do século XIX para o século XX, apresentando o difícil aprendizado do destino socialmente construído para o gênero feminino (DELGADO, 1996). Ao perceberem vestígios dos papéis, atitudes e comportamentos dos gêneros masculinos e femininos estudados no período colonial, os alunos(as) questionaram também as permanências \ mudanças observadas na construções do gênero que eles vivem \ observam no presente.

Não é objetivo avaliar esta experiência, embora tenha apontado diversos problemas que enfrentei ao longo deste trabalho. Fica a certeza que será necessário planejar com mais detalhes e caminhar para a produção de textos.

Escrever este artigo contribuiu para a reflexo e sistematização desta experiência. Enfim, pesquisar \ ensinar a história a partir das relações de gênero mais do que uma necessidade, já se vislumbra como uma possibilidade.

Referências

- ALENCAR et. al. *Brasil Vivo*. Petrópolis: Vozes, 1990. v. 1.
- CORALINA, C. *Poemas dos becos de Goiás e estórias mais*. Goiânia: UFG, 1987.
- _____. *Vintém de cobre – meias confissões de Aninha*. Goiânia: UFG, 1987.
- DELGADO, A. *Cora Coralina: a construção de uma mulher-monumento*. Relatório de Pesquisa. Goiânia, 1996. mimeo.

DIAS, M. O. *Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. Teoria e método dos estudos feministas: perspectiva histórica e hermenêutica do cotidiano. In: uma questão de gênero. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

FOUCAULT, M. El sujeto y el poder. *Revista Mexicana de Sociología*, México, n. 15, 1988.

_____. *História da sexualidade: a vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

HAHNER, J. *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MATTOS, M. I. Gênero: questões e influências. *História*, Portugal, ano XVIII, n. 18, mar. 1996.

MESGRAVIS, L. *O Brasil nos primeiros séculos*. São Paulo: Contexto, 1994.

MOTT, M. L. *Submissão e Resistência. A mulher na luta contra a escravidão*. São Paulo: Contexto, 1988.

PERROT, M. *Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PRIORE, M. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

_____. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1993.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, Porto Alegre, v. 16, 1990.

ABSTRACT:

This article has the objective of discussing the history teaching starting from the insertion of “gender” category, presenting some theoretical presuppositions and telling a didactic-pedagogic experience.

KEY WORDS:

history teaching, gender, power, quotidian.